

## José Eduardo Franco

É investigador-coordenador com equiparação a professor catedrático da Universidade Aberta, diretor do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, titular da Cátedra de Estudos Globais/UNESCO e da Cátedra de Estudos Globais/CIPSH, e membro da Academia Portuguesa da História. Tem dirigido vários projetos de investigação, entre os quais «Vieira Global», com Pedro Calafate, com quem publicou a *Obra Completa do Padre António Vieira* em 30 volumes (Círculo de Leitores), e, com Carlos Fiolhais, *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, galardoado com o Prémio Mariano Gago da Sociedade Portuguesa de Autores.

## Miguel Real

Professor do ensino secundário, publicou vários ensaios, entre os quais *O Último Eça* (2006), *Introdução à Cultura Portuguesa* (2011), *Romance Português Contemporâneo. 1950-2010* (2012), *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX* (2016), *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) e *As 7 Vidas de José Saramago* (2022). Recebeu, entre outros, os prémios Revelação Ficção e Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Ficção Ler/Círculo de Leitores, o Prémio Ficção da Sociedade Portuguesa de Autores, o Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários, e, em conjunto com Filomena Oliveira, o Grande Prémio de Teatro do Teatro Aberto e Sociedade Portuguesa de Autores.

## A História da Literatura é uma pátria onde se cruzam muitas gentes e

**correntes, muitas paixões e razões, muitas emoções e questões.**

**Os territórios da literatura configuram-se como espaços abertos, por excelência, de interconexões, de interinfluências, de intersecções, de cruzamentos, de interfecundações, quer de modelos, de géneros, de escolas e de disciplinas de saber, quer ainda de mundividências.**

Se a literatura é a «antropologia das antropologias», em que o ser humano se retrata na diversidade, complexidade e profundidade das suas aspirações e manifestações, o domínio da criação literária é o campo poroso pelo qual o mundo todo tem muitas vezes passado ou pelo qual pode vir a passar. A presente *História Global da Literatura Portuguesa* não tem, pois, um escopo totalizante, mas possibilitante. Tem como fito primordial abrir caminhos novos para explorar uma imensidade de análises que permitiram complexificar o conhecimento e apreender criticamente, de forma mais profunda, a riqueza do campo literário como área por excelência da criação humana e a mais relevadora das múltiplas dimensões da sua condição.

Cem capítulos escritos por cem especialistas fazem desta obra uma síntese abrangente da herança literária portuguesa na perspetiva do novo ideário da história global, aqui aplicado pela primeira vez à história da literatura portuguesa.

## Prefácio de José Carlos Seabra Pereira

### Mecenas



### Instituições Científicas Promotoras



### TEMAS E DEBATES

### DIREÇÃO

ANNABELA RITA  
ISABEL PONCE DE LEÃO  
JOSÉ EDUARDO FRANCO  
MIGUEL REAL

## HISTÓRIA GLOBAL DA LITERATURA PORTUGUESA

### COORDENAÇÃO

CARLOS F. CLÂMOTE CARRETO  
ISABEL MORUJÃO  
MICAELA RAMON  
MARIA LUIA MALATO  
LUIA PAOLINELLI  
DIONÍSIO VILA MAIOR  
MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES

### DIREÇÃO

ANNABELA RITA · ISABEL PONCE DE LEÃO ·  
JOSÉ EDUARDO FRANCO · MIGUEL REAL ·

# HISTÓRIA GLOBAL DA LITERATURA PORTUGUESA

### COORDENAÇÃO

CARLOS F. CLÂMOTE CARRETO · ISABEL MORUJÃO ·  
MICAELA RAMON · MARIA LUIA MALATO ·  
LUIA PAOLINELLI · DIONÍSIO VILA MAIOR ·  
MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES ·

### TEMAS E DEBATES

## Annabela Rita

Doutorada, com agregação e dois pós-doutoramentos em Literatura, é professora aposentada da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta. Presidente da direção da Academia Lusófona Luís de Camões e do Instituto Fernando Pessoa, diretora da Associação Portuguesa de Escritores e do Observatório da Língua Portuguesa, conselheira do Conselho Supremo da Sociedade Histórica da Independência de Portugal e do Museu Virtual da Lusofonia da Universidade do Minho. Membro de diversas instituições científicas e culturais, e de conselhos científicos de revistas, coleções e projetos. Entre as suas obras, destaca-se *Eça de Queirós Cronista* (1998; 2017).

## Isabel Ponce de Leão

Professora catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa (Porto), membro do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, do Círculo de Estudos do Centralismo e do Institute for Anthropocene Studies; vogal do conselho de administração da Cooperativa *Árvore* e vice-presidente do Centro de Estudos Regianos. Como docente e investigadora, colabora com outras instituições de ensino superior, em Portugal, vários países europeus, América Latina e, sobretudo, Brasil (professora visitante). Faz parte do conselho editorial e/ou científico de várias revistas, jornais e outras publicações.

O conteúdo do presente documento está protegido pelo Código de Direitos de Autor e Direitos Conexos. Serve apenas para consulta do destinatário, não podendo ser utilizado, reproduzido ou divulgado por qualquer meio ou para qualquer efeito.

HISTÓRIA  
GLOBAL DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA

**TEMAS E DEBATES**

HISTÓRIA  
GLOBAL DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA



# HISTÓRIA GLOBAL DA LITERATURA PORTUGUESA

## DIREÇÃO

Annabela Rita  
Isabel Ponce de Leão  
José Eduardo Franco  
Miguel Real

## COORDENAÇÃO

Carlos F. Clamote Carreto  
Isabel Morujão  
Micaela Ramon  
Maria Luísa Malato  
Luísa Paolinelli  
Dionísio Vila Maior  
Maria do Carmo Cardoso Mendes

**TEMAS E DEBATES**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

ISBN 978-989-644-857-8



Título: *História Global da Literatura Portuguesa*

Direção: Annabela Rita, Isabel Ponce de Leão, José Eduardo Franco e Miguel Real

Coordenação: Carlos F. Clamote Carreto, Isabel Morujão, Micaela Ramon, Maria Luísa Malato, Luísa Paolinelli, Dionísio Vila Maior e Maria do Carmo Cardoso Mendes

Copyright © 2024 Temas e Debates e IECCPMA

Secretariado Executivo do projeto Histórias Globais Portuguesas: Cristiana Lucas Silva (coordenação), Paula Carreira e Milene Alves

Equipa de Revisão: Marta Marecos Duarte, Carlos Serra e Diogo Bugarim

Design de capa: Ana Monteiro

Paginação: Margarida Diogo

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: outubro de 2024

ISBN: 978-989-644-857-8

Depósito legal número 536357/24

Temas e Debates é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Temas e Debates

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

[www.temasedebates.pt](http://www.temasedebates.pt)

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA	15
<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> ANNABELA RITA, ISABEL PONCE DE LEÃO, JOSÉ EDUARDO FRANCO E MIGUEL REAL	21
<b>Ressurgências</b> <b>(IDADE MÉDIA)</b>	27
<b>INTRODUÇÃO</b> Textualidades em trânsito CARLOS F. CLAMOTE CARRETO	29
<b>1079</b> A vertigem da lista (da analítica aos livros de linhagem) CARLOS F. CLAMOTE CARRETO	37
<b>1108</b> A <i>Respublica Christiana</i> das letras ANTÓNIO REBELO	45

<b>1139</b>	<b>Sob os desígnios da Caaba</b> ISABEL PONCE DE LEÃO	51
<b>1175</b>	<b>Na oficina da escrita: O <i>scriptorium</i> do Mosteiro de Alcobaça</b> CATARINA FERNANDES BARREIRA	57
<b>1181</b>	<b>Errância e persistência da cantiga trovadoresca</b> MANUEL PEDRO FERREIRA	63
<b>1183</b>	<b>Da polissemia à policromia: Os <i>Beatos</i> e os <i>Livros das Aves</i></b> ALICIA MIGUÉLEZ	69
<b>1284</b>	<b>Hagiografia e modelos de santidade</b> ANA MARIA MACHADO	77
<b>1286</b>	<b>Os cancioneiros medievais</b> MARIA ANA RAMOS	83
<b>1348</b>	<b>Expressões literárias das epidemias globais</b> SOFIA DE MELO ARAÚJO	89
<b>1385</b>	<b>Ciência, filosofia e teologia <i>em linguagem</i></b> MARISA DAS NEVES HENRIQUES	95
<b>1418</b>	<b>O tombo da torre e os cronistas quatrocentistas</b> ISABEL BARROS DIAS	101
<b>1430</b>	<b>Da corte de Avis para Ceuta: A fortuna da <i>Confessio Amantis</i></b> MANUELA FACCON	107



## *Humaniores litterae*

### (RENASCIMENTO)

<b>INTRODUÇÃO</b>	<i>Mudam-se as condições, muda-se a idade</i> ISABEL MORUJÃO	115
<b>1485</b>	<b><i>Destes livros, meus parceiros: Humanismo em Portugal</i></b> GIL CLEMENTE TEIXEIRA	117
<b>1502</b>	<b><i>Cousa nova em Portugal: O teatro de Gil Vicente</i></b> JOSÉ CAMÕES	123
<b>1516</b>	<b><i>Determinei ajuntar algũas obras. Cancioneiro Geral</i></b> <b>de Garcia de Resende: A poesia como prestígio de corte</b> MARIA ISABEL MORÁN CABANAS	129
		135



<b>1522</b>	<i>Buscando per estranhas terras perigosas aventuras:</i> Livros portugueses de cavalarias PEDRO MONTEIRO	143
<b>1527</b>	<i>Aos ombros de gigantes:</i> Sá de Miranda e a renovação renascentista. Um novo capítulo da história literária RITA MARNOTO	149
<b>1532</b>	<i>Conversação e boa prática é pasto para a alma:</i> O Diálogo na literatura portuguesa TERESA NASCIMENTO	155
<b>1552</b>	<i>Atar e liar a parede da história:</i> A cronística portuguesa de Quinhentos FILIPE ALVES MOREIRA	161
<b>1554</b>	<i>Para a grande dor não se fizeram leis. Menina e Moça:</i> A novela sentimental portuguesa VALERIA TOCCO	167
<b>1557</b>	<i>Quando entre nós houve maior cópia?</i> Lirismo do século XVI SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA	173
<b>1569</b>	<i>António Ferreira: Costume-se este ar nosso à lira nova</i> NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	179
<b>1572</b>	<i>Camões: Serão dadas na terra leis melhores</i> JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA	185
<b>1614</b>	<i>Muitas e muito estranhas cousas: Peregrinação,</i> de Fernão Mendes Pinto PAULO SILVA PEREIRA	193



## Entre as sombras e o esplendor

	(MANEIRISMO E BARROCO)	201
<b>INTRODUÇÃO</b>	O esplendor da imagem e da palavra MICAELA RAMON	203
<b>1580</b>	Poética e poetas maneiristas e barrocos SARA AUGUSTO	209

<b>1583</b>	<b>Manuel Álvares e a primeira gramática global</b> ROGELIO PONCE DE LEÓN	215
<b>1588</b>	<b>Alcácer-Quibir e a poesia da desolação</b> LUÍS FARDILHA	221
<b>1602</b>	<b>Literatura messiânica e sebástica</b> JOÃO CARLOS G. SERAFIM	227
<b>1619</b>	<b>Literatura mística: Expressões nacionais de um fenómeno global</b> PORFÍRIO PINTO	233
<b>1624</b>	<b>A génese da globalização de Camões no século XVII</b> MARCIA ARRUDA FRANCO	239
<b>1641</b>	<b>A literatura da Restauração</b> ANDRÉ SIMÕES	245
<b>1646</b>	<b>Talentos viris. Literatura monástica portuguesa: Expressão local de práticas globais</b> ISABEL MORUJÃO	251
<b>1657</b>	<b>D. Francisco Manuel de Melo e o cânone literário europeu</b> IOLANDA OGANDO	257
<b>1666</b>	<b>A utopia do V Império: Um tema literário português com ressonâncias globais</b> JOSÉ EDUARDO FRANCO	263
<b>1679</b>	<b>Vieira e a pregação global: Literatura sacra do Barroco</b> MARTA MARECOS DUARTE	269
<b>1696</b>	<b>Gregório de Matos e a irreverência criativa</b> JOÃO ADOLFO HANSEN	275
<b>1716</b>	<b>Cancioneiros de poesia barroca: Das miscelâneas manuscritas à <i>Fénix Renascida</i> e ao <i>Postilhão de Apolo</i></b> FILIPE DIEZ	281

## IV

## O espírito das Luzes

(ILUMINISMO)

287

- INTRODUÇÃO** Afinal, o que são as Luzes? 289  
MARIA LUÍSA MALATO
- 1712** As «palavras peregrinas»  
e o *Vocabulário Português e Latino* 297  
ANA RAFAEL
- 1733** Viagens do Grande D. Quixote  
e do Gordo Sancho Pança 303  
DAVID CRANMER
- 1735** Entre um jardim fechado e um universo infinito 309  
ANABELA GALHARDO COUTO
- 1746** *O Verdadeiro Método de Estudar* 315  
JORGE BASTOS DA SILVA
- 1751** Terramotos, autos de fé e outros incêndios 321  
HELDER MENDES BAIÃO
- 1757** Arcádias: Uma história de pastores  
com algumas foices 327  
PAULA CARREIRA
- 1761** «A outra metade da humanidade»  
e os textos apologéticos das mulheres 333  
BETINA RUIZ
- 1775** *Sentimentos de Um Espectador*  
*Que Chega a Admirar a Estátua Equestre* 339  
FERNANDO MATOS DE OLIVEIRA
- 1779** *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*  
e os avatares da epopeia 345  
MANUEL FERRO
- 1785** Lugares-comuns para cinco homens  
de letras de nações tão várias 353  
MARIA LUÍSA MALATO
- 1790** Da viagem como monomito à viagem como monografia 359  
PAULA ALMEIDA MENDES

<b>1791</b>	Outras pavorosas ilusões da Eternidade: Censura e Transgressão DANIEL PIRES	365
<b>1798</b>	Tliquitós e Modinhas, Capadócios e Malandros ADELTO GONÇALVES	371
<b>V</b>		
	<b>Decadência e regeneração</b> (ROMANTISMO E REALISMO)	379
<b>INTRODUÇÃO</b>	Na balança da Europa LUÍSA PAOLINELLI	381
<b>1811</b>	José Agostinho de Macedo e o início de um século de contradições CRISTIANA LUCAS SILVA	391
<b>1825</b>	Almeida Garrett e Alexandre Herculano: Desterritorializados, cosmopolitas, portugueses REGINA ZILBERMAN	397
<b>1836</b>	O drama romântico português: Um valor histórico-cultural ANA ISABEL VASCONCELOS	403
<b>1843</b>	Legitimações do romance: O romance histórico entre memória, sentimento, aventura e preocupação com o presente ALDINIDA MEDEIROS	409
<b>1849</b>	Mulheres e letras: Da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina LUÍSA PAOLINELLI	415
<b>1862</b>	Camilo: <i>Amor de Perdição</i> . A «escola do folhetim» e Balzac ÁLVARO MANUEL MACHADO	421
<b>1865</b>	Ultrarromantismos e polémicas LUCIENE PAVANELO	427

<b>1867</b>	Literatura e direitos humanos SUSANA MOURATO ALVES-JESUS	431
<b>1871</b>	A conciliação do progresso com a <i>praxis</i> estética. Tradução – A literatura global nas páginas dos periódicos e nos livros MARIA CRISTINA PAIS SIMON	437
<b>1875</b>	Eça e o novo paradigma: Ciência, Arte e Vida ANNABELA RITA	443
<b>1878</b>	A polémica receção de Eça de Queiroz no Brasil: Resistências e novos caminhos PAULO MOTTA OLIVEIRA	449
<b>1880</b>	Jornalismo humorístico, caricatura literária e folhetim DANIELA MARCHESCHI	455
<b>1887</b>	O arejamento estético e cultural ROSA SEQUEIRA	461
<b>1890</b>	De <i>Finis Patriae</i> à Renascença Portuguesa: Do sentimento do fim de século ao saudosismo redentor PAULO SAMUEL	467

## VI

### Com golpe de asa

(IDADE DOS ISMOS) 473

<b>INTRODUÇÃO</b>	Um pouco mais de azul DIONÍSIO VILA MAIOR	475
<b>1900</b>	Continuidades e discontinuidades finisseculares FERNANDO GUIMARÃES	479
<b>1911</b>	Os poetas do sagrado: De Pascoaes a Régio ROBERTA FERRAZ	485
<b>1915</b>	O inextinguível <i>Orpheu</i> ARNALDO SARAIVA	491
<b>1916</b>	Uma literatura de manicómio BARBARA GORI	497

<b>1917</b>	<b>Futurismo(s): Carnavalização e reconstrução</b> DIONÍSIO VILA MAIOR	503
<b>1924</b>	<b>Fernando Pessoa:</b> A pluralidade dissonante e universal do Génio ENRICO MARTINES	509
<b>1927</b>	<b>Polémicas literárias</b> † EUGÉNIO LISBOA	515
<b>1928</b>	<b>Literatura e Publicidade</b> ELSA SIMÕES	521
<b>1934</b>	<b>Tempo de histórias da terra e do mar...</b> GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS	527
<b>1935</b>	<b>Cinema e literatura: O efeito <i>Rosebud</i></b> EDUARDO PAZ BARROSO	533
<b>1940</b>	<b>A narrativa neorrealista:</b> Do registo épico-lírico ao herói problemático VÍTOR VIÇOSO	539
<b>1947</b>	<b>Os surrealistas: A celebração da «realidade onírica»</b> ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO	545
<b>1958</b>	<b>Herberto Helder e Ruy Belo:</b> <i>O amor em visita</i> na senda da poesia ANTÓNIO JOSÉ BORGES	551
<b>1959</b>	<b>Escritores âncora</b> MARTINHO SOARES	557
<b>1964</b>	<b>Revivescências estéticas.</b> As escritas poliédricas e experimentais DALILA MILHEIRO	563
<b>1972</b>	<b>Literatura feminina</b> CATHERINE DUMAS	569
<b>1973</b>	<b>Autores de culto</b> LUÍS MARTINS	575

## VII

### Primavera fulgurante

<b>(DEMOCRACIA)</b>	583
<b>INTRODUÇÃO</b> Para inventar o espanto MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES	585
<b>1974</b> Uma revolução na literatura e os novos rostos da ficção MARIA GRACIETE BESSE	589
<b>1980</b> José Saramago: A literatura portuguesa que conta a nível mundial MIGUEL REAL	595
<b>1988</b> Ficções coloniais e pós-coloniais PIRES LARANJEIRA	601
<b>1989</b> Prémios literários † PETAR PETROV	607
<b>1990</b> Escritoras pós-1990 FABIO MARIO DA SILVA	613
<b>1993</b> Literaturismo – Casas-museus, museus, roteiros, lugares, saraus festivos, tradições... SÉRGIO LIRA	619
<b>1998</b> Hipermédia e transmédia: Tecno-arte-poesia MANUEL PORTELA	627
<b>2000</b> Emergências poéticas PATRÍCIA LINO	633
<b>2002</b> Antropoceno e Literatura: Um namoro difícil JOÃO RIBEIRO MENDES	639
<b>2004</b> Sophia: Uma obra singular para um humanismo universal HELENA MALHEIRO	645
<b>2006</b> Agustina Bessa-Luís: O tempo da sibila ANAMARIA FILIZOLA	651
<b>2009</b> O novo romance policial: Desocultar as sombras NOÉMIA JORGE	657

<b>2010</b>	<b>Clio hoje: Ficções no centenário da república</b> ISABEL PATIM	663
<b>2011</b>	<b>Tendências da poesia: Écfrase, intertextualidade, memória...</b> EGÍDIA SOUTO	671
<b>2014</b>	<b>Memorialismo</b> MARIA LUÍSA CASTRO SOARES	677
<b>2015</b>	<b>Texto e metatexto</b> CARLA SOFIA LUÍS	685
<b>2016</b>	<b>Tradução: Belas (in)fiéis, mas sublimes</b> SANDRA TUNA	691
<b>2019</b>	<b>O novo livro infantojuvenil</b> CARLOS NOGUEIRA	697
<b>2020</b>	<b>Literatura verde: A Ecocrítica num planeta agónico</b> MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES	703
	<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	709
	<b>COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL</b>	719



## Os cancioneiros medievais

*A poesia medieval chegou até nós através de alguns livros manuscritos – cancioneiros –, que nos proporcionam a leitura das cantigas, o nome dos seus autores e o ambiente sociocultural que acolheu este importante movimento literário.*

**A**s primeiras observações científicas relativas à tradição manuscrita da produção poética medieval procedem dos estudos de Carolina Michaëlis (1904), que se pronunciou sobre a transmissão textual das cantigas, compostas em ambientes cortesãos da Península Ibérica, em particular na Galiza, no norte de Portugal, ou em outros espaços ibéricos, com poetas de diferentes proveniências, que se serviram do galego-português como língua literária. É ainda à insigne filóloga que se deve o primeiro *stemma* e as primeiras conjeturas sobre o processo de elaboração dos *Cancioneiros* medievais.

A palavra *Cancioneiro* corresponde a um livro com transcrição de *canções* (cantigas), de peças líricas, profanas ou religiosas, que, por vezes, foram preservadas com notação musical. Estes livros foram constituídos consoante diversos critérios e, hoje, poderíamos

aceitar que nos encontramos perante produtos que equivalem a *antologias*, *florilégios*, *coletâneas* ou *compilações*. O apuro textual pode ter resultado do prestígio social de quem escreveu, da simples adição de autores, ou da preservação de géneros poéticos com maior notoriedade. Na verdade, estes livros foram concebidos como livro de um autor (Afonso X e as *Cantigas de Santa Maria*, *Canzoniere* de Francesco Petrarca, ou o *Livro* de Guiraut de Riquier), mas as maiores coleções românicas proporcionam-nos súmulas, ou escolhas da produção de vários poetas (trovadores), organizadas quer pela cronologia, quer pelo renome social, ou por géneros praticados, sob o gosto ou a ponderação de um compilador. Poderíamos pensar no perfil do cronista e poeta Garcia de Resende, que valorizou a atividade poética portuguesa quatrocentista no seu repositório de poesia palaciana impresso

em 1516 – *Cancioneiro Geral* – («[...] E por esta mesma causa, muito alto e poderoso Princepe, muitas cousas de folgar e gentilezas sam perdidas, sem haver delas noticia, no qual conto entra a arte de trovar, que em todo o tempo foi mui estimada [...]»).

Infelizmente para a Idade Média ibérica e para as recolhas poéticas, realizadas entre os séculos XII-XIV, não nos resta um nome de compilador, nem nos subsiste uma coleção – um *Cancioneiro Geral* – que se assuma explicitamente como a recolha mais representativa da produção lírica galego-portuguesa.

Os testemunhos ibéricos mais antigos, que perduraram até hoje, têm de ser qualificados como *fragmentos* (manuscritos sujeitos a perdas diversas ao longo do tempo) e incitam-nos a refletir acerca do modo de constituição desses repertórios, ou de coleções-florilégios, como também nos impõem a averiguação da materialidade, tanto de resquícios soltos como dos mais ordenados, que comprovam o modo de preservação destes documentos poéticos (fólios, bifólios, *cancioneiro-fragmento* e *cancioneiros* mais completos).

Em primeiro lugar, o *Cancioneiro da Ajuda*, apesar da sua conhecida denominação, *Cancioneiro*, é um *fragmento* pergamináceo, iluminado, datável de finais do século XIII, inícios do século XIV, conservado sem cota na Biblioteca do Palácio da Ajuda em Lisboa. Pay Gomez Charinho, falecido em 1295, é provavelmente o trovador mais recente, incluído nesta coleção. Uma das cantigas, que lhe é atribuível, pode ser datável de 1286 (*A 256, De Quantas Cousas eno Mundo Son*), após o poeta ter sido substituído no car-

go de Almirante do Mar, funções que exercia desde 1282.

Esta mais antiga coleção de poesia lírica conserva em 88 fólios a transcrição de 310 cantigas, atribuíveis a 38 autores, uma duplicada, algumas incompletas por acidentes materiais, e outras por interrupção, devida à natureza das fontes. Provavelmente por se supor que este conjunto de cantigas, sem nome de autor, estaria próximo do ambiente cultural de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos (1287-1354), filho de D. Dinis, foi encadernado nos finais do século XV em tábuas de madeira com outro fragmento do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (embora errónea, há apenas uma única e discreta indicação atributiva ao trovador Pero da Ponte). Não é improvável que o ato de salvar guardar os dois fragmentos – poesia e linhagens – seja devido à diligência do seu presumível possuidor, Pedro Homem, estribeiro-mor do rei D. Manuel I (1469-1521), poeta palaciano, incluído no *Cancioneiro Geral*, falecido em 1498. As suas duas assinaturas autógrafas, assim como um caderno solto, encontrado em Évora, em meados do século XIX, permitem admitir a presença deste *fragmento-cancioneiro* no ambiente cultural do sul de Portugal em meios eborenses, pelo menos no final do século XV. A proteção com tábuas foi, depois, rudimentarmente coberta por pele com motivos ornamentais geométricos, alusivos ao martírio de São Lourenço, sacrificado na grelha, apontando este tipo de adorno para o meio artístico da rainha D. Catarina (1507-1578).

É indubitável que o *Cancioneiro da Ajuda* é um *fragmento*, que sofreu danos físicos relevantes, ainda bem

perceptíveis através da mutilação de alguns fólhos, apesar do último restauro (2000), mas é a cessação do trabalho que é incontestável. Na última composição, atribuível a Roy Fernandes de Santiago, a transcrição do *refran* persistiu incompleta no final da coluna à esquerda do fólho, o que nos permite reconhecer a real suspensão da cópia a meio de um verso. De modo comparável, no final do ciclo conferido a Joan Lopes de Ulhoa, o *incipit*, «[E]u deseio meu mal», com ausência de capital inicial identificadora, tanto pode pressupor um primeiro verso de uma nova composição, como o início de uma *finda*. E na série atribuível a Estevan Faian, constata-se situação análoga com a inscrição de um início textual, «[P]or muitas cousas eu que...», sem continuidade. De qualquer maneira, estes começos de verso são um vestígio irrefutável de paralisação de cópia, ou por insuficiência da fonte, ou por qualquer outro motivo que impôs interrupção.

Mas, mais do que estas contingências materiais, outros elementos fundamentam o seu carácter inacabado. Concebido como um *livro de canto* de grande formato, previsto para a *performance* entre canto e música de *cantigas de amor*, não foi concluído, nem chegou a ser um *livro*, totalmente finalizado e encadernado, o que significa que foi impróprio à circulação entre possuidores e bibliotecas. Não se tratando de um pequeno livro para leitura com suporte manual, a descontinuidade do traslado deixou, em primeiro lugar, espaços em branco para a notação musical, que nunca foi inscrita em nenhuma das composições; para estrofes, que deveriam concluir textos fragmentários; para fólhos completa-

mente em branco, que deveriam acolher poemas de autores, já integrados, ou a incorporar na antologia. Espaços vazios são também patentes na falta de rubricação de letras capitais distintivas para abertura de um ciclo poético, para o início de uma composição, de uma estrofe, de um *refran*, ou de uma *finda*. Além da inconclusão das miniaturas, identificadoras de separação entre ciclos autorais (representação do trovador, sentado, em geral, com perna trocada, símbolo da sua autoridade, a assistir ao desempenho das suas cantigas, com cantor, músicos e instrumentos musicais), flagrantes são os espaços completamente desguarnecidos para as miniaturas que não foram sequer esboçadas.

Em Portugal, conserva-se também e foi recuperado, há alguns anos, outro fragmento precioso – um *único* fólho –, uma folha não numerada, procedente de um livro mais extenso, com sete *cantigas de amor* do rei D. Dinis, copiada a três colunas, talvez produzida no *scriptorium* régio, igualmente danificada, que servia de capa a um livro para registo de documentos notariais de Lisboa, datável dos finais do século XIII, princípios do século XIV. Descoberta por Harvey L. Sharrer, em junho de 1990, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa (Fragmentos, cx. 20, n.º 2), é o único testemunho preservado com notação musical para *cantigas de amor*, recordando a sua denominação o nome do professor universitário americano que a identificou – *Pergaminho Sharrer*. Várias hipóteses foram colocadas perante a aparência deste fólho. Tratar-se-ia do vestígio de um destruído *Cancioneiro de D. Dinis*, pensando no *Livro das*

*Trovas d'El-Rei D. Dinis*, registado no inventário dos livros pertencentes à Livraria de D. Duarte? Ou seria este fólio apenas uma sobrevivência material de uma antologia poética coletiva?

Com idênticas particularidades materiais, persistiu outro fragmento – *Pergaminho Vindel* – um bifólio –, que rememora o nome do livreiro madrileno, Pedro Vindel, que o extraiu em 1914 de um forro de um códice do século XIV. Analogamente datável dos finais do século XIII, detém um breve ciclo de sete *cantigas de amigo*, seis delas complementadas por transcrição melódica, atribuídas ao jogral ou segrel Martin Codax, presumivelmente galego, depositado em The Morgan Library, em Nova Iorque (M 979).

Com o formato *Cancioneiro* em configuração de *livro*, devemos mencionar as duas grandes coleções, copiadas em Itália, entre 1525 e 1526, provavelmente na Cúria Romana, de um repertório, hoje perdido, por iniciativa do humanista italiano Angelo Colocci (1474–1549). Alguns críticos admitem que essa coletânea desaparecida equivaleria ao *Livro de Cantigas* do conde D. Pedro, consignado para doação a Alfonso XI (1311–1350) no seu testamento de 1350 («Item mando o meu livro das cantigas a El Rey de Castella»).

A cópia mais relevante corresponde ao *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, que perpetua os nomes dos seus possuidores, Angelo Colocci e o conde Paolo Brancuti di Cagli, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal desde 1924, o que também permite nomeá-lo como *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (cód. 10991).

É o *Cancioneiro* que contém a mais importante coleção textual da lírica galego-portuguesa em número de textos (1567 cantigas: *cantigas de amigo*, *cantigas de amor*, *cantigas de escárnio e maldizer*, *tenções*, mas também *descordo*, *lais*, *pranto*, *bailada*, etc.), com a inserção dos nomes dos autores. Além de importantíssimas *marginália*, inscritas por Angelo Colocci, é também o único manuscrito que nos transmite a fragmentária *Arte de Trovar* (fls. 3r.-4v.), título moderno que qualifica uma arte poética, transcrita, em parte, pela mão do próprio Colocci. Mais do que uma teoria poética para futuros trovadores, é um *guia de leitura* para o entendimento das cantigas medievais.

Outro *cancioneiro* collociano permaneceu em Itália, na Biblioteca Apostólica Vaticana – *Cancioneiro da Vaticana* – (Vat. lat. 4803). Igualmente transcrito no ambiente da Cúria papal, também entre 1525 e 1526, é uma cópia (1193 cantigas) que apresenta similitudes notáveis com o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, apesar de menos completa e menos cuidada, inclinándose-se a crítica para que estas duas coleções sejam talvez provenientes de um mesmo antecedente. Deste *cancioneiro* vaticano foi efetuada uma cópia não completa, entre 1592 e 1612, conhecida como *Cancioneiro de um Grande d'Hespanha*, que se encontra em *The Bancroft Library* da Universidade da Califórnia, Berkeley (MS UCB 143 v. 131, *Olim* 2MA DP3 F3 v. 131), mas, do ponto de vista textual, tem de ser considerada apenas como um *descriptus* (códice copiado de outro que ainda se conserva), que não aperfeiçoa o que conhecemos das cantigas galego-portuguesas.

Também sob o empenho de Angelo Colocci se conservam na Biblioteca Apostólica Vaticana (Vat. lat. 7182) três folhas de papel, incluídas numa miscelânea, com a transcrição de cinco *Lais de Bretanha* galego-portugueses (fls. 276r.-278v.). Estas composições encontram-se reproduzidas com a mesma sucessão nos primeiros fólhos do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* (fls. 10r.-11v.).

Associado ao nome do grande humanista italiano, deve incluir-se no conjunto da tradição poética galego-portuguesa um relevante índice numerado com os nomes de trovadores – *Autori Portughesi* – que, segundo os estudos mais recentes, deve ajustar-se à própria tábua – *Tavola Colociana* – executada por Colocci para o seu *Cancioneiro* pessoal (*Colocci-Brancuti*).

De datação mais tardia, além de estar transcrita nos dois cancioneiros italianos, perdura uma tenção medieval, «Vaasco Martins, pois vós trabalhades», entre Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis, e Vasco Martins de Resende, ao ter sido novamente transcrita em miscelâneas seiscentistas. Talvez o nome Resende (coligado ao humanista André de Resende e ao poeta e cronista Garcia de Resende) tenha favorecido estas cópias individualizadas da tenção. Provenientes de um exemplar datável do século XIV, uma encontra-se depositada no Porto (ms. 72 do Fundo Azevedo, ms. 419, Biblioteca Pública Municipal, fls. 9-11), outra em Madrid, à volta de 1625 (ms. 9249 da Biblioteca Nacional, fl. 25r.), e é também em Madrid que se preserva idêntica reprodução da mesma composição (ms. 3267 da Biblioteca Nacional), datável de cer-

ca de 1700. O manuscrito do Porto, além do texto, facultava-nos importante rubrica, que não apenas comprova a proveniência da cópia, talvez de um material poético autónomo, como nos dá um indício valioso, ao explicitar que a tenção estava trasladada «em música»: *Trovas de don Afonso Sanches, filho d'el rei don Dionis, a Vasco Martiiz de Resende, e resposta do mesmo. Acharãose entre os papeis do grande mestre Andre de Resende, e estavam postas em solfa.*

Esta comunicação certifica-nos que, na tradição medieval galego-portuguesa, os textos poéticos se difundiam com notação musical, realçando a *performance* estética entre poesia, canto e música. O *Pergaminho Vindel* legou-nos a transcrição musical para *cantigas de amigo*, o *Pergaminho Sharrer* a melodia para *cantigas de amor*, o compilador do *Cancioneiro da Ajuda* previu espaços para a inclusão da pauta e da notação neumática, também para *cantigas de amor*, para algumas *fúndas*, e, por fim, aquela rubrica atesta que mesmo uma tenção circulava, como nas outras *cantigas*, sustentada pelo seu canto.

As relações de parentesco entre todos os testemunhos, entre genealogia e estrutura interna, apontam para significativa homogeneidade, consonâncias métricas e paralelismos entre sequências textuais e posicionamento dos poetas na *mise en page* das cópias. De uma difusão avulsa em folhas («rolos», pergaminhos soltos com um ciclo poético de um trovador) a recolhas coletivas de um ou mais trovadores (ampliadas em momentos posteriores pela intercalação de novos autores e textos), foram possivelmente executadas as cópias, que persistiram até hoje, uma de procedência ibéri-

ca, que remonta à época dos trovadores (*Cancioneiro da Ajuda*), as outras duas, já do século XVI, trasladadas em ambiente estrangeiro. Sem a curiosidade humanista italiana, não só não conheceríamos a maior parte dos nomes dos autores, como não teríamos acesso ao impressionante número de textos, e nem sequer poderíamos presumir a dinâmica poética que foi cultivada pelas cortes régias e senhoriais na língua literária do ocidente ibérico (galego-português).

## BIBLIOGRAFIA

### Impressa

OLIVEIRA, António Resende, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Séculos XIII e XIV*, Lisboa, Edições Colibri, 1994.

RAMOS, M. Ana, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e Escrita*, 2 vols., Tese de

Doutoramento em Linguística (Linguística Histórica) apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, texto policopiado, 2008.

TAVANI, Giuseppe, *Trovadores e Jograis. Introdução à Poesia Galego-Portuguesa*, Lisboa, Caminho, Estudos de Literatura Portuguesa, 2002.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, ed. crítica e comentada, 2 vols., Halle a.S., Max Niemeyer, 1904, reimp. anastática: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

### Digital

LOPES, Graça Videira *et al.*, *Cantigas Medievais Galego-Portuguesas* [base de dados *online*], Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011: <http://cantigas.fch.unl.pt> (acedido a 21 de abril de 2023).

Nota: A contribuição desta autora decorre do projeto PID2020-113491GB-I00 (*Cancioneros Gallego-Portugueses. De La Paleografía Digital a La Gramática Histórica*), financiado pelo Ministerio de Ciencia de España.

MARIA ANA RAMOS  
Universität Zürich